

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO I, Nº10 julho - PORTO VELHO, 2001
VOLUME I

ISSN 1517-5421

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
FABÍOLA LINS CALDAS - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 150 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

10



O SONHO NO EXÍLIO

CARLOS MOREIRA

αΩ

Carlos Moreira

Poeta

caixadesilencio@yahoo.com.br

O SONHO NO EXÍLIO

Não estamos mais no fundo do poço: estamos mordendo o fundo para ver onde vai dar. E não nos espantamos com o sangue e os dentes que vamos deixando para trás, como se nossos dentes e sangues fossem eternos, como se nossa paciência fosse eterna, como se fôssemos eternos. Está quase tudo morto dentro e fora desta universidade, e não adianta culpar a instituição – que é virtual – nem a realidade social – que é irreal – nem o país – que é surreal. A maioria está morta por dentro, está morta burramente e já há algum tempo. Não sei se a universidade é reflexo desta cidade (mesmo sendo apenas conceitual) ou se a cidade é o reflexo da universidade. Mas pouco importa. São o mesmo território morno, a mesma cidadela de cegos e leprosos. E parece não haver água que nos livre desse mal. Há em todas as consciências o cartaz amarelo que diz que é proibido sonhar. E há na maioria dos professores desta Casa de Mortos a recriminação tácita por alguém existir, e há nos olhares dos alunos a memória vaga de um mundo que poderia ter sido mais inteligente. Há um tédio mortal de deserto fedorento entre as salas mal iluminadas de consciências e entre os vultos mal arrumados de funcionários apenas públicos que dominaram o espaço. Mas é a mesma cena estúpida que se vê pelas ruas e salas e rodas de conversa desta cidade. Se uma guerra se avizinhasse, se o meteoro já despontasse no céu, vá lá. Mas não. Pura mediocridade aceita como calma, burrice institucionalizada que se aceita como empáfia. Enquanto escrevo isto há meia-dúzia de pseudo-literatos discutindo nos pombais universitários o sexo dos pronomes e a geometria rubra e cansada da nova poesia velha. Falo de literatura porque é dela que posso falar e dela falando falo de tudo ao mesmo tempo. Porque não nos cansamos dessa falta de vergonha e não jogamos mais abertamente? Porque não soltamos nossa verborragia na estrada e na ponte e no rio e dizemos a que viemos a este mundo curioso? Não. A falta de existência, de leitura, reflexão e diálogo da maioria impede qualquer salto, e eles continuarão lá em seus círculos insípidos fingindo ser grande merda institucionalizada e que só por isso os alunos devem ouvi-los e segui-los. Mas é possível negar a ordem de seu discurso. Há muito por se conversar e ser, há muito por ser dito. Há tudo por ser dito, e se já o foi é nossa vez de dizê-lo, mal dito. O que está sendo feito que escape da mediocridade explícita? É preciso dar nomes aos bois? Vamos lá. Que movimento há no momento que gere qualquer tentativa de reflexão na universidade ou fora dela? Escrevi com mais dois ou três sujeitos de coragem um manifesto há dois anos e por dois anos tentamos dialogar pelos jornais da cidade, tentando criar o Leitor, o novo leitor, capaz de novas aventuras e descobertas, mais corajoso e livre que essa horrível média consumidora de livros de enredos de apartamentos de classe média e poesia fácil fóssil flácida flatulenta e falsária. O que conseguimos? Afastar mais ainda esses candidatos a leitores. Que crítico percebeu existir nascendo aqui uma concepção forte de literatura que dialogava com os melhores momentos dos últimos mil anos de palavra? Mas se quiserem, podemos falar de outras áreas da criação. Vamos falar da pintura que, salvo Joesér Alvarez e Carlos Ruiz, não passa de pastiche do rupestre e artesanato das matas peladas destas terras. Nossos pintores morrerão de fome, logo em breve. Até aí tudo bem. Não fosse Theo, Van Gogh também teria. O

problema maior é que ninguém por aqui, exceto os mesmos criadores, parecem sem capazes de enxergar os girassóis desses malucos de deus. Como podem não ser capazes de mesmo a distância não reconhecer a estatura de um quadro alvariano, sua angústia e sua cor? A música então, melhor o silêncio. Nortista, amazônica, aquática e todo o resto que os analfabetos auditivos quiserem denominar. Nada, quase nada. Pirarucus anêmicos que deveriam tomar nas memoráveis últimas sílabas de seus nomes. Nada contra peixes. Principalmente à mesa. Mas sua barbatana e dimensão não combinam com a pirâmide e veneno da música que eu sonho. E já houve por aqui quem fosse capaz de fazê-la. Gláucio, parceiro de sempre, rendeu-se a imagem da própria cabeça na mesa dos outros. Foi boicotado por todos os lados e agora vai embora com o violão entre as pernas como se não fosse o criador musical do Caixa de Silêncio, na opinião unânime dos que de fato importam, a coisa mais original e revolucionária que já se fez por aqui em termos de performance musical. Apresentado só uma vez e assistido por pouco mais de duzentas pessoas, não passa agora de mito e memória. Gláucio é o sujeito com menos técnica e mais liberdade que conheço. É o Jorge Ben daqui e quase ninguém ouviu. Problema nosso. Alberto ainda será considerado o maior ficcionista do seu tempo, mas você não sabe. Rubens Vaz Cavalcante (Binho), que enquanto músico não escapou do mapa, enquanto poeta é dos melhores do país na atualidade, está aí, sendo ignorado tacitamente. Quase todos têm vínculo com a universidade e são todos ruidosamente esquecidos. Por que não estão nos colóquios discutindo literatura e arte? Qual o medo? Durante a fase da guerrilha nos jornais um grupo de jovens poetas partiu para a briga na outra frente. Pois bem. Há dois meses que se aproximaram tentando um diálogo, abrindo e forçando aberturas na discussão, o que só prova o amadurecimento de suas idéias. Mas do lado acadêmico, nada. Nem um ovo. Nem uma pedra falsa, apenas risos e arrotos discretos. Se a universidade se furtar ao seu papel de arena e campo de criação não restará muito. É preciso exercer este papel, o do brigão, a tarefa de irritar, provocar, chamar à briga. Não esse fascismo de donas de casa, não essa leiturazinha idiota, não esses artiguinhos de jornais escritos por descerebrados, não esse cheiro de clorofórmio que sinto ao entrar pelos portões de vosso templo. Estou cansado da calmaria, e se puder vou para o Japão, para Verona, para São Paulo, para o Inferno. Mas não fico por aqui. Não quero mais saber da burrice. Não me importa muito o destino sempre igual de todos, funcionários da covardia nacional. Já fui aluno e pouco devo além da certeza do que não ser. Como artista acredito que só não nos matam e prendem e curram a todos por falta de oportunidade. Pura falta momentânea de poder. Fosse como no caso de Lorca na guerra civil espanhola e os únicos criadores, as únicas antenas dessa tribo seriam derrubadas, cada um enterrado em sua vala comum com uma bala vagabunda na cabeça. Não morro mais. Agora só faço poesia, mesmo aqui, nesta verborragia santa. Mas se escrevo é porque ainda acredito que algo ou alguém ainda poderá mudar, que se escrevo e publico alguém de daqui a duzentos anos pode achar a coisa toda ainda muito válida e sorrir e dizer que é isso mesmo, que se aquelas antas de um lugar qualquer do início de seu terceiro milênio não aproveitaram a vida, eles não devem cometer a mesma gafe, porque o tempo não pára e apesar de tudo estamos vivos. É para o outro que escrevo. Lavo minha pena de vossa tinta e peço outro café. Sou um jovem muito velho para os meus vinte e sete anos e não quero morrer amargo. Mas que há muita burrice por ser combatida, isso há. E se ainda há espaço como este aberto para a cicuta que carregamos então ele deve ser utilizado até o fim, até que os piores se juntem e calem a boca do artista e comecem a ditar as mesmas regras de sempre. Ainda há sonho, mas não sei se há saída. Sei apenas que a raiva deve existir para romper e libertar e que somos aquilo que nos

fazemos, que podemos ser o que quisermos, e que nossa liberdade tem por único limite não destruir o outro. A vida ainda está cheia de vida, é compacta e visível. Mas antes que esteja triunfalmente morto preciso saber sonhar, mesmo que seja numa paisagem desgraçadamente feia como a que se insiste em pintar. E daí? Ainda há Beethoven e Jorge e Gláucio, Gogh, Ruiz e Alvarez, Borges, Dante e Alberto, Arnaldo, Rilke e Rubens, eu e todos os que quiserem existir. Eu quero. E quem sabe talvez no fundo do sonho a gente descubra que o fosso na verdade era a mina e que o ouro nos espera com seu sorriso amarelo e sua voz de soprano?

WHEN I HEARD THE LEARNED ASTRONOMER

Quando ouvi o douto astrônomo

Quando me apresentaram em colunas as provas e os algarismos

Quando me assinalaram os mapas e os diagramas para medir, para dividir e somar

Quando desde a minha cadeira ouvi o astrônomo que dissertava muito aplaudido na cátedra

Quão subitamente me senti aturdido e enfasiado

Até que esgueirando-me para fora me afastei sozinho

No úmido ar místico da noite e de tempo em tempo

Olhei em perfeito silêncio as estrelas.

Walt Whitman

VITRINE

SUGESTÃO DE LEITURA

A OBRA DE ARTE: Ensaio Sobre a Ontologia das Obras

Michel Haar
Difel

RESUMO: De Platão a Heidegger, a filosofia interessou-se menos pelas obras em si do que pela questão de saber se a arte pode dizer a verdade. Duas razões retardaram assim uma verdadeira ontologia das obras: de um lado, a condenação platônica da arte – que deu primazia ao conteúdo inteligível sobre a forma sensível –, do outro, o nascimento da estética – que deu ênfase ao estado afetivo do espectador ou do artista. Foi com Heidegger e Merleau-Ponty que uma filosofia da arte se tornou realmente possível. Mas se esta nos permite hoje receber melhor a obra, poderá igualmente dar-se conta de seu fascinante enigma?

SUMÁRIO: Arte ou Verdade; A Superioridade da Natureza sobre a Arte; A Época da Metafísica da Arte; Fisiologia da Arte; Elaboração da Verdade; Pro uma Fenomenologia da Arte.

Áreas de interesse: Filosofia, Estética, Arte.

Palavras-chave: Arte, Estética, obras de arte, Ontologia da Arte.

LINKS

Caravaggio – MASP
www.caravaggio.com/index.html

Albergue da Juventude
www.alberguesp.com.br

Deleuze
www.imaginet.fr

Centro Brasileiro de Filosofia Para Crianças
<http://www.cbfc.com.br>

Salvador Dali
www.highwayone.com/dali/daliweb.html

Diccionario de Latim
www.jurinform.pt/latin/latim.html

Museu do Egito
www.egito.com/museu/index.html

Telescópio Hubble
www.heritage.stsci.edu

SBPC
www.sbpcnet.org.br

Museu Pessoa
www.2.uol.com.br/mpessoa

IDG
www.idgnow.com.br

